

# Pintando com a câmera fotográfica

*Painting with the câmera*

Eduardo Vasconcelos\* 

*“O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.  
É preciso transver o mundo”*  
(Manoel de Barros)

O tipo de arte que apresento aqui pode ser visto por várias perspectivas, por exemplo filosóficas, estéticas, existenciais, psicológicas, sociais, ecológicas etc. Como este número da revista *Em Pauta* é dedicado à temática da saúde mental, quero me dedicar aqui a suas dimensões estéticas e particularmente psicológicas.

A percepção representa um elemento central e dinâmico da experiência humana individual e coletiva, como doadora de significados e sentidos para a realidade que nos cerca, e que são constantemente refeitos pelos ajustes perceptuais de cada pessoa e de seus grupos sociais, na relação com seus corpos, meio ambiente e realidade social, sempre recriando novas possibilidades de significação, em ultrapassagens permanentes, nunca alcançando um equilíbrio. As imagens sempre tocam nos significados pré-existentes em cada pessoa e têm o poder de lançá-la para além do já existente, criando no universo privado e coletivo aberturas pelas quais novos significados podem irromper. Vários filósofos têm denunciado não só as filosofias realistas e positivistas, que reduziam a realidade ao que pode ser apreendido pela materialidade e objetividade das coisas, como também o domínio da ciência natural e da técnica comandando a nossa percepção, gerando enormes perdas em diversas dimensões humanas e obstaculizando o “horizonte aberto” dos encontros das pessoas com seus corpos, com o mundo e com os seus semelhantes.

Por exemplo, o filósofo alemão de esquerda Ernst Bloch (1885-1977) dá uma ênfase permanente na abertura humana para o novo, para o que ainda não somos, para a busca do sonho, de novos sentidos e horizontes para a vida pessoal e coletiva, e que nos permite projetarmos como sentido de esperança e de utopias coletivas.

## MOSTRA FOTOGRAFICA

<https://doi.org/10.12957/rep.2024.80441>

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [emvasconcelos55@gmail.com](mailto:emvasconcelos55@gmail.com).

Eduardo Mourão Vasconcelos é psicólogo, cientista político, doutor pela Universidade de Londres, professor aposentado da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), militante histórico da luta antimanicomial, fotógrafo e escultor desde a década de 1980, com várias exposições realizadas no Brasil e uma delas na Inglaterra. Para uma visão um pouco mais ampliada deste trabalho fotográfico, ver seu site: <https://evasconcelos.art.br/>.

Como citar: VASCONCELOS, E. Pintando com a câmera fotográfica. *Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, } v. 22, n. 54, pp. 233-250, jan/abr, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2024.80441>

Recebido em 23 de outubro de 2023.

Aprovado para publicação em 30 de outubro de 2023.



© 2024 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

No entanto, na atualidade, somos bombardeados pelo que Crary<sup>1</sup> chama de “complexo internético” e pela sua indução de “analfabetismo visual”:

Hoje, no entanto, a possibilidade de uma vida comum de experiências diretas foi substituída pela receptividade passiva a fluxos de estímulos que nos são impostos de modo não consensual. De novo, o resultado é [...] *a debilitação de nossa capacidade (ou mesmo de nosso desejo) de estabelecer distinções perceptuais em ambientes vivos reais*. [...] O rastreamento ocular identifica e ajuda na eliminação de tudo aquilo que possa ser considerado confuso. É o caso de elementos de design dotados de algum grau de ambiguidade, de indistinção, de ininteligibilidade ou de alguma outra qualidade capaz de frustrar uma apreensão fácil ou imediata. [...] *Tudo aquilo que encoraje a atenção prolongada ou mesmo estados parcialmente contemplativos é inaceitável em razão da quantidade indefinidamente maior do tempo que tais respostas podem tomar. Ao mesmo tempo, o movimento vacilante ou ‘errante’ dos olhos é um comportamento a ser impedido ou corrigido*. [...] Trata-se de uma tecnologia de perseguição voltada ao aprisionamento, como a frase ‘capturar o olhar’ confirma. (Crary, 2023, p. 147-151 – grifos no original).

A própria qualidade da vida humana está sendo degradada neste mundo que nunca desliga. A consequência disso é terra arrasada, é um mundo erodido, significativamente danificado. Os prejuízos não são só ambientais, mas também sociais. *Somos encorajados a interagir com telas durante todas as horas que passamos acordados, o que elimina nossa possibilidade de sonhar acordado, de nos deslumbrar, de sentir a textura da experiência. Imaginação se tornou fluxo contínuo e monetizado de imagens e informação, e temos até mesmo que desligá-lo*. Se é assim, como vamos nos engajar nas tarefas essenciais para evitar a catástrofe?<sup>2</sup>

Assim, essa lógica de eficácia, com o tempo cada vez mais comprimido e fugaz, com ações imediatistas e focadas nas exigências do complexo internético, do trabalho repetitivo, de produtividade, da luta pela sobrevivência e das relações sociais e de lazer consumistas, gera uma percepção do mundo extremamente automatizada, manipuladora de ícones já conhecidos, para gerar comunicação e ações instantâneas. Este tipo de percepção, ao se difundir, bloqueia as diferentes formas possíveis de se vivenciar, perceber e contemplar o ambiente circundante, que permitiria uma simbolização mais aberta e singular dos múltiplos significados das imagens e paisagens.

Meu trabalho artístico busca ilustrar uma forma de arte que requeira dos artistas, em seu próprio processo de produção, e principalmente de quem a contemple, um mo-

1 CRARY, J. *Terra arrasada*: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista. São Paulo: Ubu Editora, 2023. Podemos criticar algumas das alternativas históricas polêmicas que o autor propõe, mas sua avaliação crítica sobre os processos envolvidos no “complexo internético” me parecem bastante precisas e bem sustentadas.

2 Entrevista de Jonathan Crary em *O Globo*, Segundo Caderno, p. 1, de 8 abr. 2023 (grifos no original).

vimento na direção contrária ao analfabetismo visual. A proposta é então requerer um alongamento do tempo de contemplação e gerar tentativas de compreensão, mesmo que inseguras, na direção inversa dos efeitos induzidos pelo complexo internético.

Assim, as fotos visam convidar o expectador para experimentar um outro tipo de olhar e para captar detalhes variados que, para serem reconhecidos, exigem uma contemplação despretensiosa, em um tempo mais alongado, para valorizar as múltiplas possibilidades de atenção diferenciada para a natureza e para o mundo.

Este exercício do olhar é acessível para todas as pessoas, mesmo no ambiente mais cotidiano e corriqueiro, mas necessariamente implica criar “janelas de disponibilidade” no tempo, criando “saídas” para o olhar padronizado sobre as coisas, para a repetição e a mesmice, que impede o estranhamento, a metaforização e exploração simbólica e estética das imagens no dia a dia.

Nesse trabalho, tento me inspirar em pintores modernos e em seus modos próprios de percepção e produção artística, estudando desde a década de 1990 a estética dos movimentos impressionista, surrealista e abstrato. Eles exploraram perspectivas inovadoras de olhar e vivências inovadoras e paradoxais do espaço e do tempo. Os impressionistas, por exemplo, nos convidam à observação de um mesmo tema nas diversas horas do dia, nas estações do ano (que na Europa são muito mais diferenciadas), nas diferentes condições atmosféricas, de clima e luz, bem como na reflexão dos objetos nos espelhos d'água. Eles não o fazem de forma a induzir ou instruir os espectadores para uma forma superior de percepção, mas validando e legitimando a originalidade de uma sensibilidade estética mais desinteressada e cotidiana dos particulares do mundo, com ênfase na percepção de cada momento presente.

Essa estética não inclui apenas *o que* é pintado, mas também o tipo de efeito na imaginação do espectador que se segue *como* a representação é feita e vista. Há uma espécie de convite para que redefinamos nossa percepção através da forma própria e específica de ver o tema proposto pelo artista. Isto envolve deixar de representar passivamente a realidade, envolvendo o expectador em uma reflexão sobre ela, reivindicando uma posição própria, singular, e uma autoconsciência crítica, e o convidando a relativizar os costumes morais de seu tempo, ao indicar a falsidade e falta de originalidade da percepção clássica e convencional baseada no hábito e na autoridade.

Por sua vez, o pintor surrealista Salvador Dali (1904-1989) chamava suas pinturas de “fotografias sonhadas pintadas à mão”, inspirado na abordagem de interpretação dos sonhos de Freud, pelo qual tentava potencializar no expectador múltiplas associações de imagens, a partir de um único ou vários elementos de uma cena ou imagem. Em minhas fotos, procuro mostrar que é possível também fazer, parodiando o próprio Dali, “pinturas sonhadas, pintadas por uma câmera fotográfica”.

Podemos nos aprofundar um pouco mais na estética surrealista. O ser humano busca sempre alguma segurança nas suas formas de estar mundo, ao buscar coisas e vivências que ratifiquem os seus parâmetros de espaço, tempo e semelhança com a realidade ao qual se está habituado. Quando se defronta com uma imagem considerada bela, encontrando nela um objeto que ao mesmo tempo parece ser da própria realidade, mas que também é enigmático e que quebra esta segurança, se instaura uma desarticulação, um relativo caos perceptivo, cognitivo e emocional. Isso provoca um deslocamento em sua realidade interna, pois passa a buscar novos referenciais e parâmetros de compreensão do que está vendo, transcendendo sua experiência vivida, consciente e já conhecida, que envolve diretamente o seu inconsciente e imaginação, para além do torpor contemplativo, passivo, distante e reiterativo. Este hiato estimula a emergência de novas experiências estéticas e existenciais, em que a presença do inconsciente, do estranho e do lúdico não é mais vista como assustadora. Isso possibilita movimentos de quebra das certezas, de retorno à criação e à vontade de viver novas realidades, ao papel de sujeito de sua vida e à capacidade de gerar novos equilíbrios perceptivos e cognitivos, agora não tão lineares e mecânicos, porém mais dinâmicos e flexíveis no conhecimento do novo e aparentemente antagônico ao que é reconhecido e seguro. Quando a pessoa retoma seu mundo e sua relação com a natureza, é estimulado a estabelecer relações diferentes daquelas já habitualmente consolidadas e a flexibilizar identidades pré-fixadas.

Por sua vez, a imagem abstrata não oferece nenhuma segurança perceptiva e controle racional, dada sua distância da representação de objetos e de seres reconhecidos no mundo real, e por sua característica intrínseca de buscar ser mais decorativa. Assim, nessa insegurança, tem algo similar à experiência surrealista. No entanto, a boa imagem abstrata é apenas para se contemplar, resiste à interpretação, o que a faz se diferenciar do esforço interpretativo promovido pela estética surrealista, pois ela precede à linguagem e frustra todos os esforços de defini-la. Ela suspende o processo associativo e de doação de sentido, e sua memória, após sua contemplação, é apenas visual, associada a uma experiência de sensações, afetiva, sensual ou ativadora de uma vivência espiritual mais profunda, ou seja, uma sensação restrita ao núcleo mais imaginativo e intuitivo da experiência estética. Há, aqui, uma forte semelhança com a “degustação” de uma música não letrada muito agradável.

Assim, esta forma de arte visa provocar breves experiências de desorientação e desconforto, mas também busca induzir uma experiência estética agradável e positiva, em que o prazer do belo e a vivência lúdica falem mais alto. E é bom lembrar que este tipo de arte e vivência estética é acessível a cada um de nós, pois todos somos capazes de contemplar o mundo e a natureza de outras maneiras, também “pintando com os olhos”, em “fotos efêmeras”, quando simplesmente olhamos, vemos e as guardamos na memória das experiências prazerosas da vida, ou, se quisermos, com uma câmera comum ou com aquelas acopladas aos telefones celulares, cada vez mais potentes.

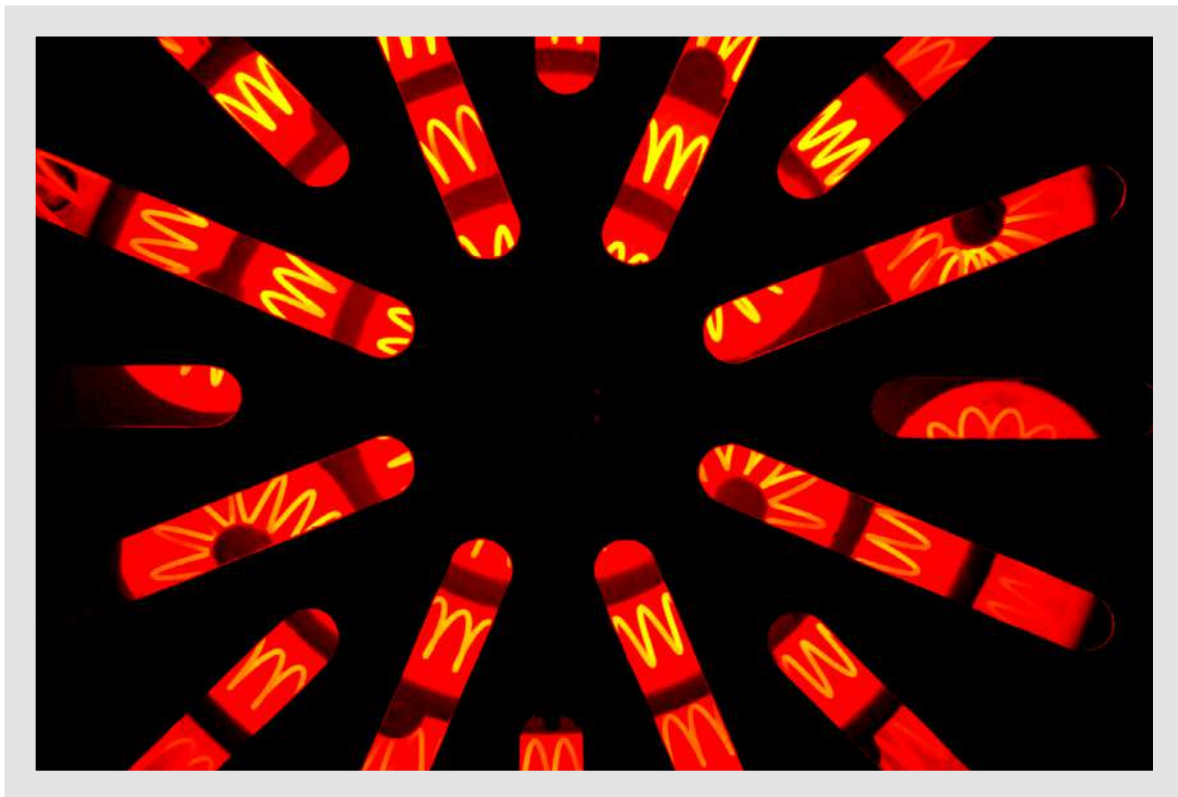
## Fotos

*“Deus deu a forma. Os artistas deformam./  
É preciso desformar o mundo: /  
Tirar da natureza as naturalidades.”  
(Manoel de Barros)*

*“Quem é pobre anda a pé /  
Mas o pobre vê nas estrada /  
O orvaio beijando as flô /  
Vê de perto o galo campina /  
Que quando canta muda de cor /  
Vai moiando os pés no riacho /  
Que água fresca, nosso Senhor /  
Vai oiando coisa a grané /  
Coisas qui, pra mode vê /  
O cristão tem que andá a pé”  
(Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)*

Estas são fotos de realidades concretas, sem manipulações e distorções feitas em *softwares* modernos. Apenas os utilizo para o equilíbrio de luz e cores, e às vezes para fazer rotações na posição original das fotos, como nos espelhos d’água. Ou seja, a ideia é mostrar que estas imagens estavam lá na realidade, acessíveis a qualquer pessoa, desde que se disponha a essa experiência de contemplar o mundo com outros olhos. Para mostrar isso apenas com objetivos didáticos, apresento uma lista com breves indicações da realidade de origem de cada foto. No entanto, recomendo que essas fotos sejam vistas primeiro sem consultá-la, deixando a imaginação “viajar livremente”.

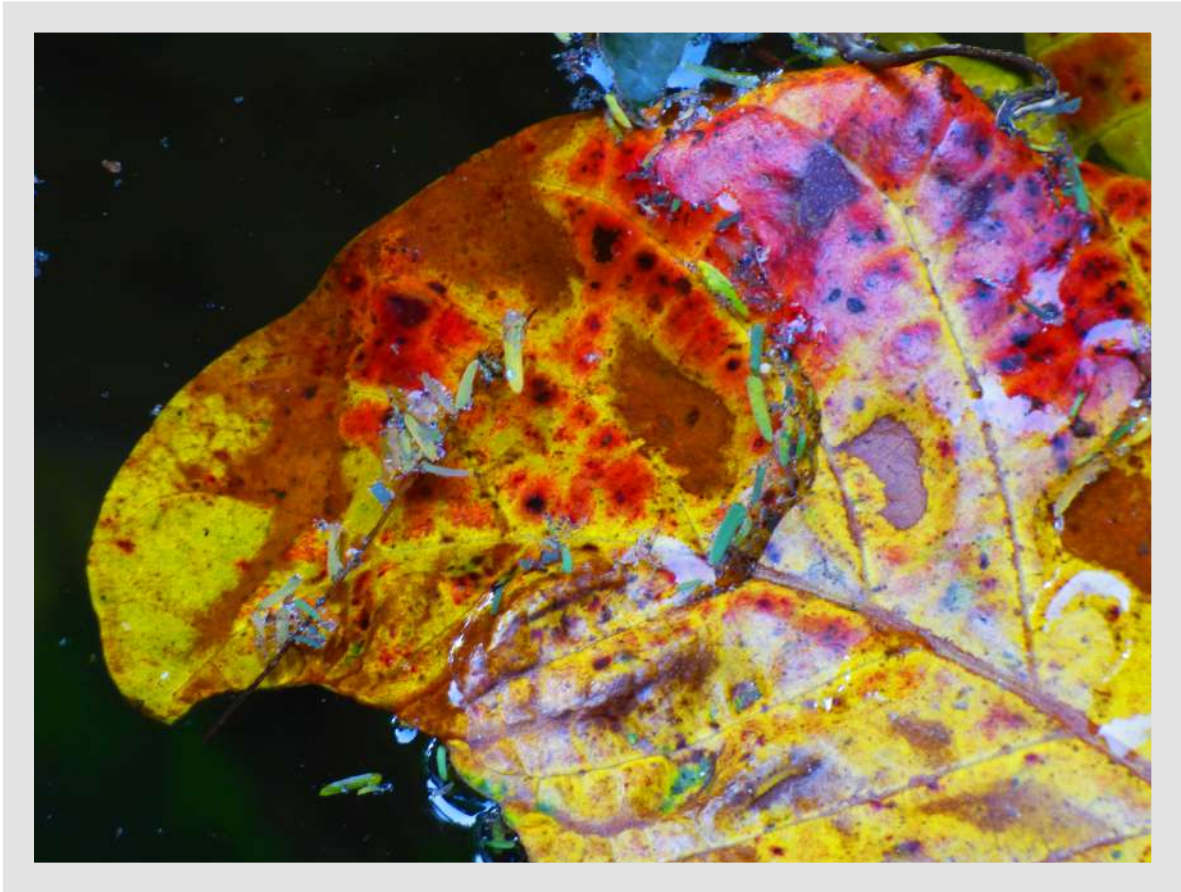
O que é muito prazeroso constatar é que os produtos desse exercício são muito pessoais e singulares. A experiência de ir com um grupo de fotógrafos amigos para um mesmo local mostra que cada um vai produzindo seu próprio estilo. Além disso, as formas de impressão de fotos com alta qualidade artística são muito variadas. É possível até mesmo imprimir em tela, como se fossem pinturas, para decorar nossas casas e presentear os amigos.



**Foto 1**

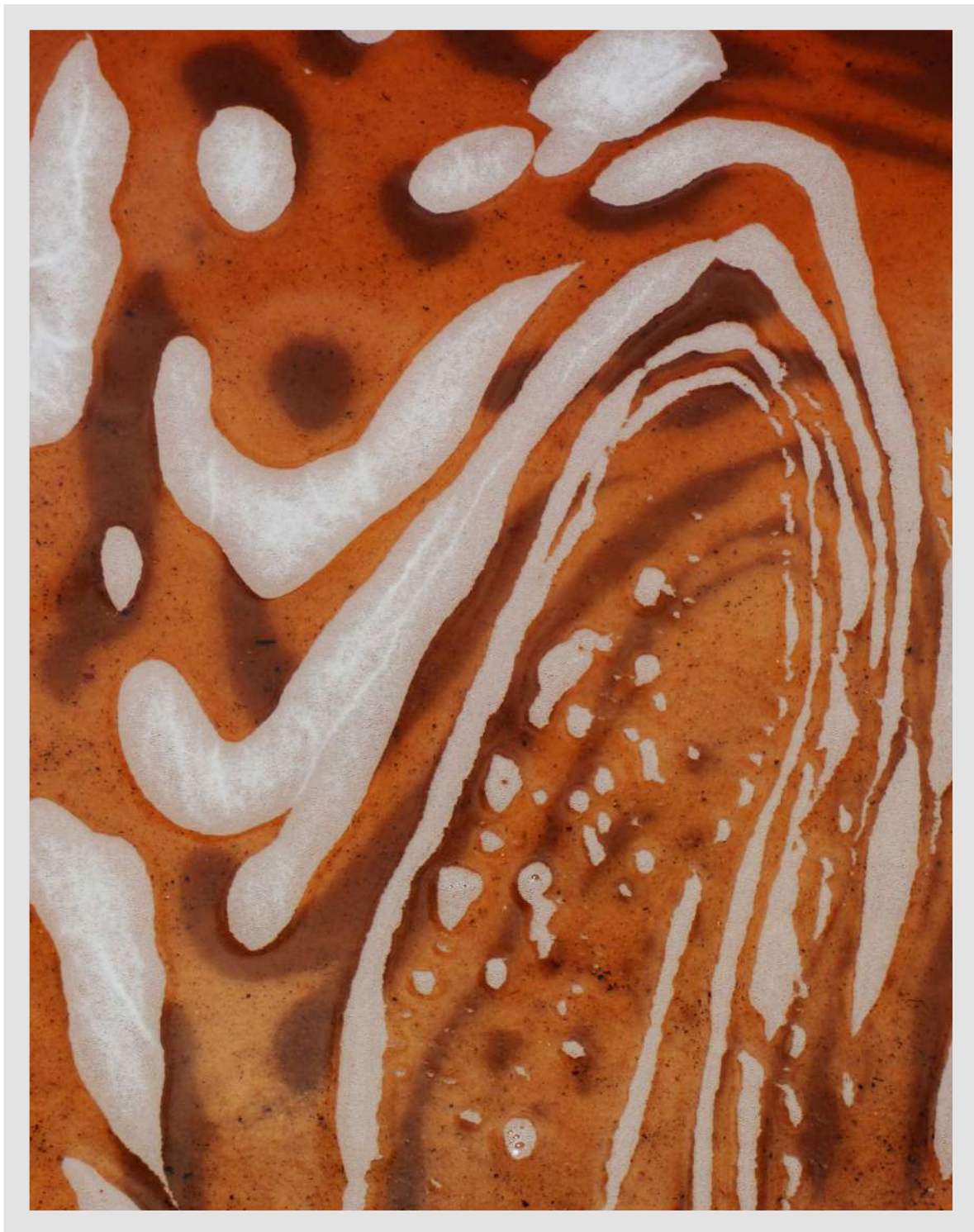
Mesmo dentro de casa, é possível produzir imagens inusitadas. Essa é de um aquecedor de ambiente com resistência elétrica.





**Foto 2**

Na natureza, mesmo coisas simples são importantes. Detalhe de uma folha boiando na superfície da água.



**Foto 3**

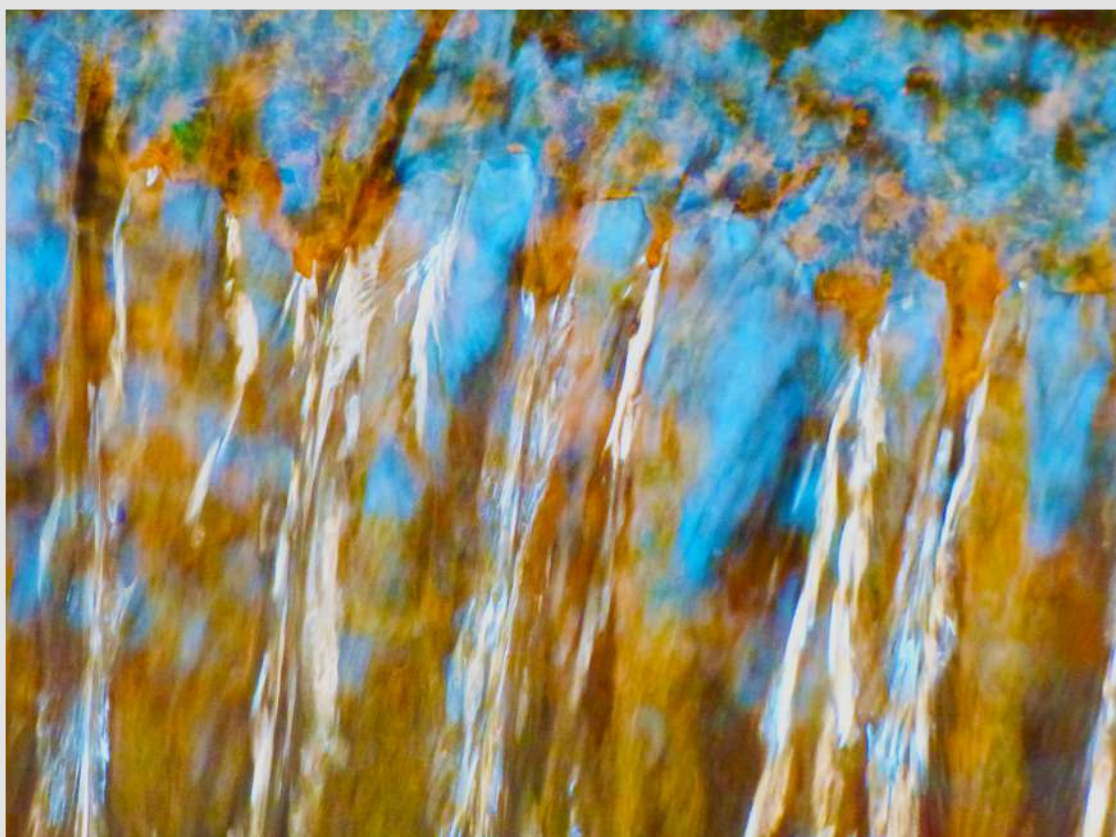
Detalhe de água no Parque Estadual do Rio Preto, em São Gonçalo, ao norte de Diamantina (MG).





**Foto 4**

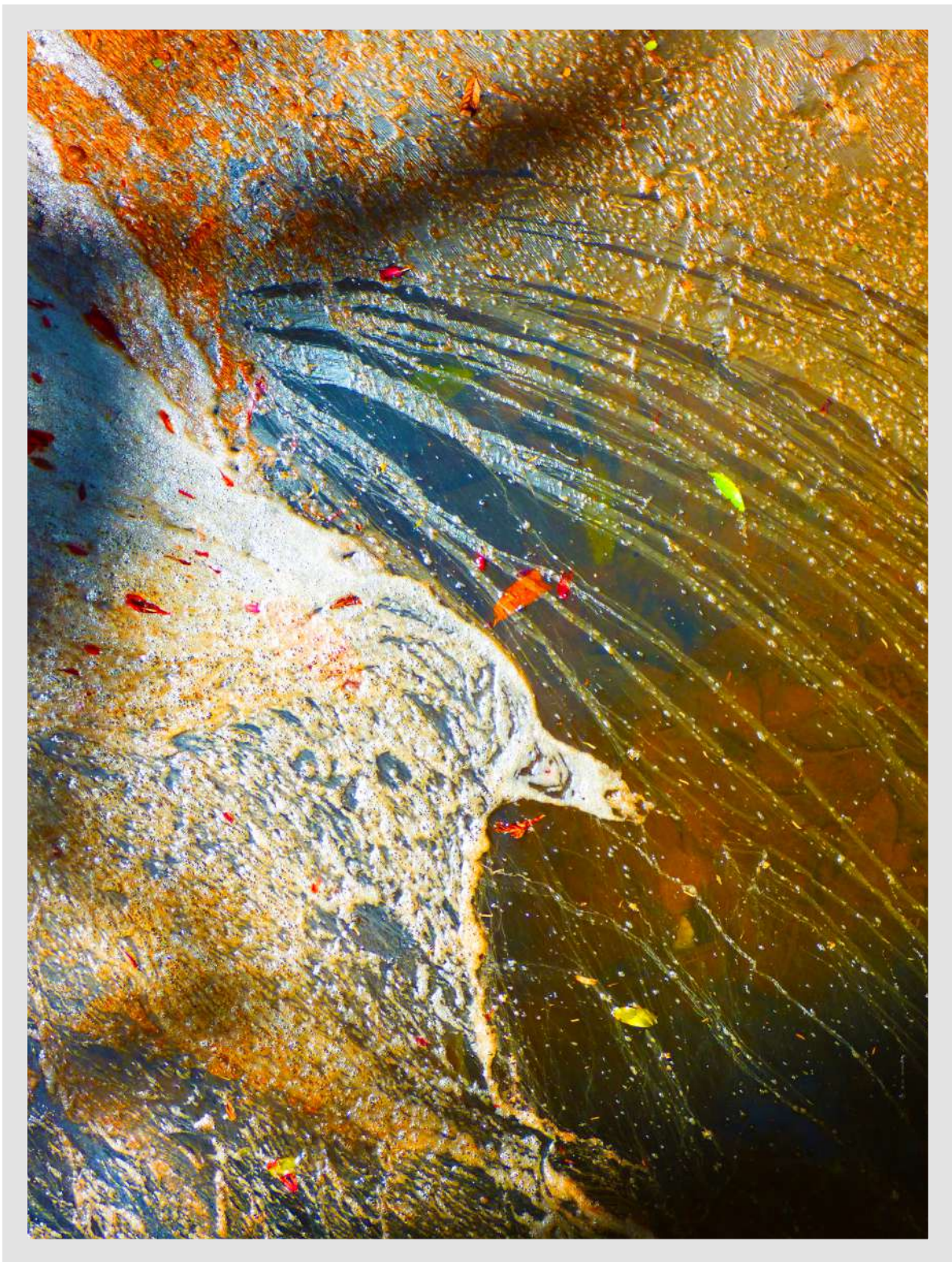
Espelho d'água no mesmo parque.



**Foto 5**

Detalhe de uma pequena cachoeira, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

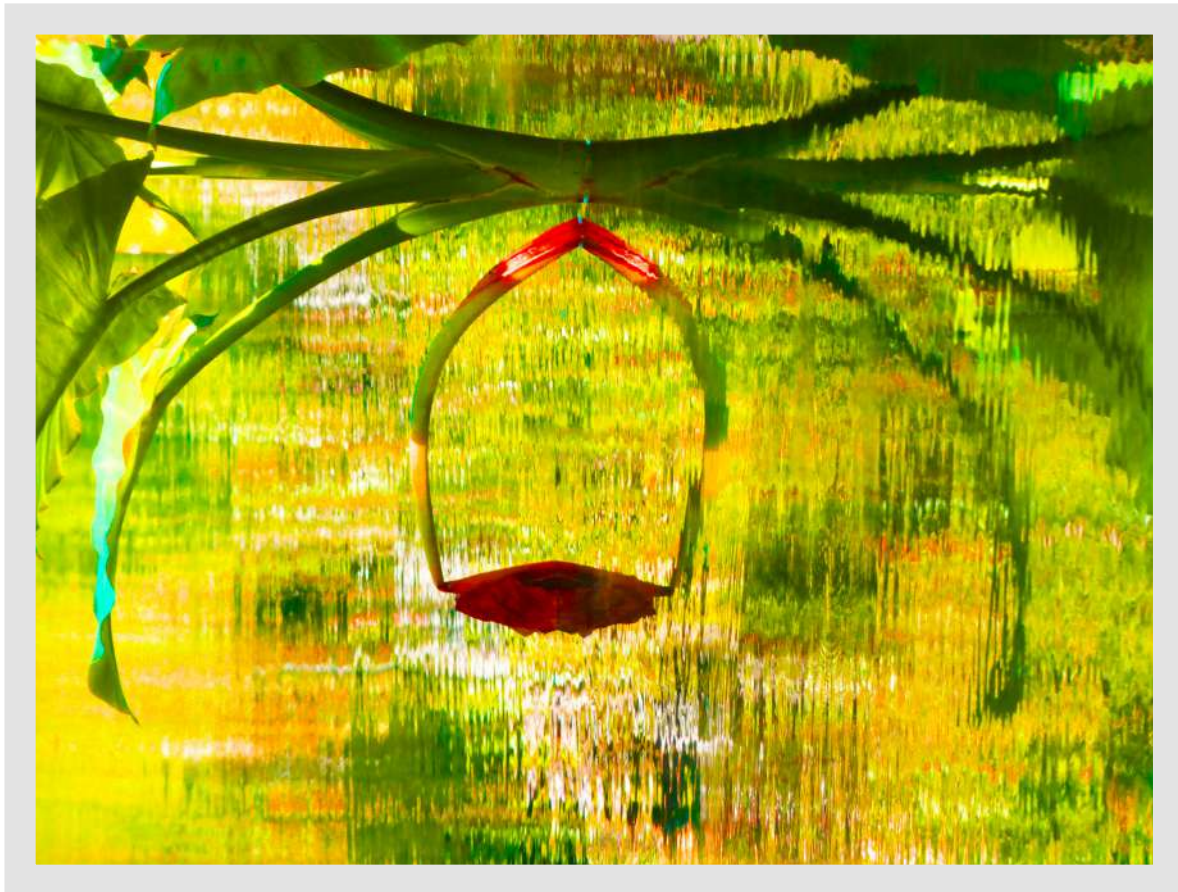




**Foto 6**

Detalhe de um córrego em que o material orgânico se acumula, já na saída do Jardim Botânico, em lugar que ninguém repara.

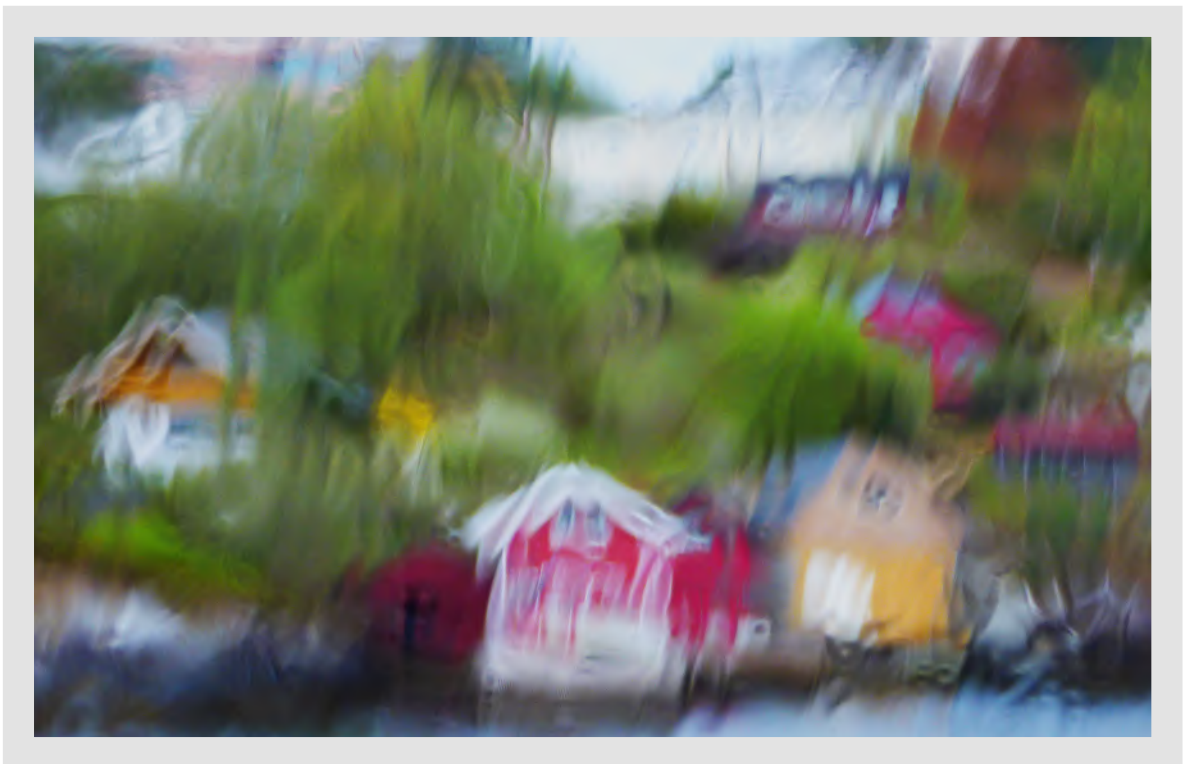




**Foto 7**

Planta e seu espelho d'água, em lago do Jardim Botânico.





**Foto 8**

Casinhas rústicas nas ilhas e fiordes da Noruega, chamadas de Hytta, uma tradição de quase todas as famílias do país, para um contato mais íntimo com a natureza, apesar das temperaturas muito baixas durante todo o ano. Essa foto foi tirada por detrás de uma vidraça de um barco, sob forte chuva.



**Foto 9**

Detalhe de um tronco de árvore, no Jardim Botânico na cidade de Lund, Suécia.



**Foto 10**

Espelho d'água em Amsterdam, Holanda, cidade cortada por canais.





**Foto 11**

Idem, também em Amsterdam.





**Foto 12**

Detalhe de espelho d'água de uma saída de praia colorida, em Ilha Grande, Rio de Janeiro.



**Foto 13**

Detalhe de espelho d'água da cabine do Golden Tower, uma das atrações do Tivoli Park, em Copenhagen, Dinamarca.